

Os marcianos

© 2021 © by Luiz Antonio Aguiar em acordo com MTS agência

Presidência Mario Ghio Júnior

Direção de Operações Luiz Fernando Suguimoto

Direção Editorial Daniela Lima Villela Segura

Gerência Editorial e de Negócios Carolina Tresolavy

Coordenação Editorial Laura Vecchioli

Edição Richard Sanches e Juliana Muscovick

Planejamento e Controle de Produção Flávio Matuguma, Juliana Batista e Juliana Gonçalves

Preparação e Projeto Pedagógico Ligia Maria Marques

ARTE

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa Sapo Lendário

Edição de arte e diagramação Nathalia Laia e Estúdio Insólito

REVISÃO

Andréa Bruno e Sílvia Campos

ICONOGRAFIA

Claudia Bertolazzi (coord.), Jad Silva (pesquisa iconográfica)

e Fernanda Crevin (tratamento de imagens)

Crédito da imagem Olívia Milliet Lisboa (p. 208)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Aguiar, Luiz Antonio

Os marcianos / Luiz Antonio Aguiar. – 1. ed. – São Paulo : Ática, 2021.
216 p. : il., color. (Série Vaga-Lume)

ISBN 978-85-08196-06-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título

21-1177

CDD: 028.5

CL: 750513

CAE: 742841

2021

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901, Bela Vista – São Paulo – SP – CEP 01310-200

Tel.: (0xx11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A decorative graphic consisting of a series of black dots forming a continuous, flowing, wavy line that starts at the top left and ends at the top right.

Os marcianos

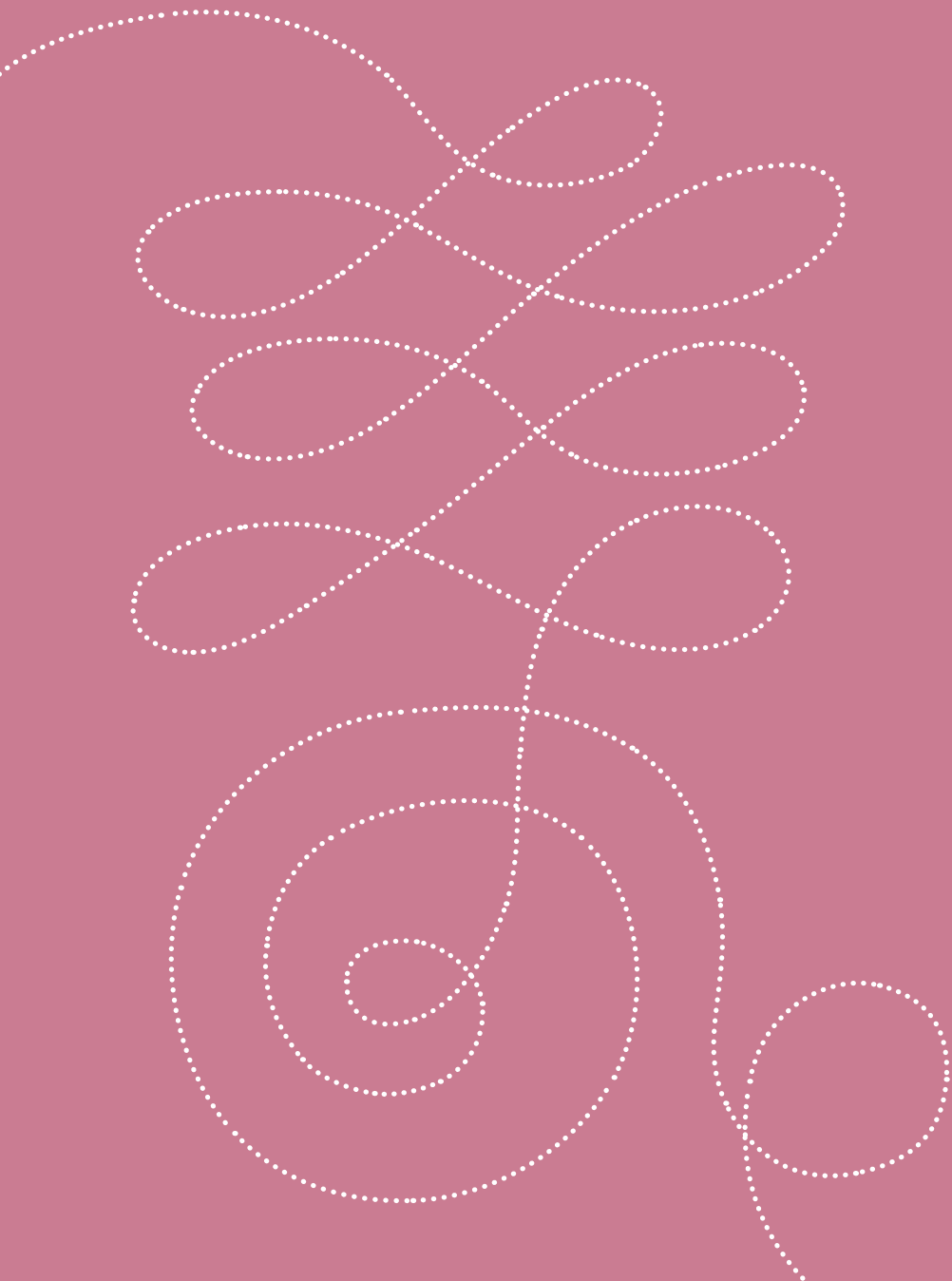
LUIZ ANTONIO AGUIAR

Série Vaga-Lume

A decorative graphic consisting of a series of white dashed lines forming a continuous, flowing, wavy line that starts at the bottom left and ends at the bottom right.

ea

editora ática



— *Eu sempre quis ver um marciano — disse Michael.*
— *Onde estão eles, papai? Você prometeu.*
— *Estão aí — disse o pai.*
Colocou Michael nos ombros e apontou para baixo.
Os marcianos estavam ali. Timothy começou a tremer.
Os marcianos estavam ali — no canal — refletidos
na água. Timothy, Michael, mamãe e papai.
Da água ondulante, os marcianos ficaram olhando
um tempo enorme para eles...

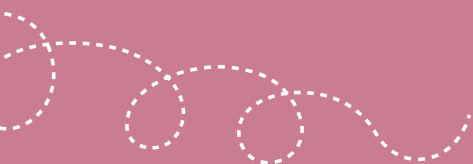
Ray Bradbury, *Crônicas marcianas* (1950)



sumário

Parte I – A Colônia

capítulo 1.	
O Manual	13
capítulo 2.	
Zás	25
capítulo 3.	
Tônia 004α	31
capítulo 4.	
D.K.O.	36
capítulo 5.	
“Antecedentes”	47
capítulo 6.	
Beca	60
capítulo 7.	
O arqueólogo	80
capítulo 8.	
O passado está presente	90
capítulo 9.	
O desconhecido	100

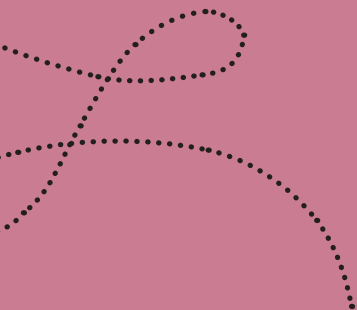


Parte II – No Monte Olimpo

<i>capítulo 10.</i>	
O sonho	108
<i>capítulo 11.</i>	
O Colegiado	112
<i>capítulo 12.</i>	
Novidades no Monte Olimpo	118
<i>capítulo 13.</i>	
Motim	122
<i>capítulo 14.</i>	
Ísis	131
<i>capítulo 15.</i>	
Antes de dormir	135
<i>capítulo 16.</i>	
O mapa	138

Parte III – A Caverna

<i>capítulo 17.</i>	
Pânico	142
<i>capítulo 18.</i>	
Os buracos	148
<i>capítulo 19.</i>	
Dentro do vulcão	152
<i>capítulo 20.</i>	
A placa	157



capítulo 21.
A dra. Tônia 004α, arqueóloga **162**

capítulo 22.
O labirinto **176**

capítulo 23.
Somente meia hora **183**

Parte IV – Zupt!

capítulo 24.
Terra chamando **188**

capítulo 25.
Diferentes verdades **192**

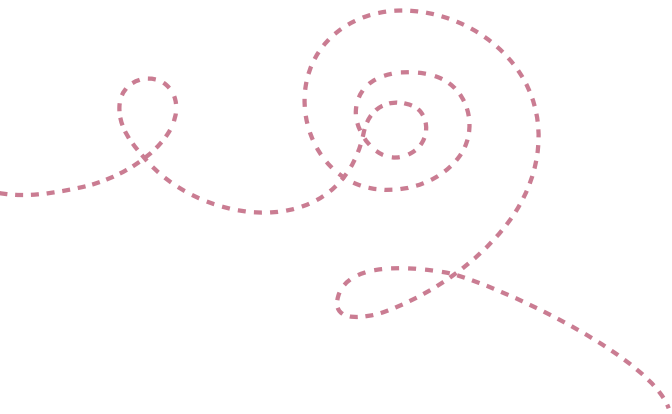
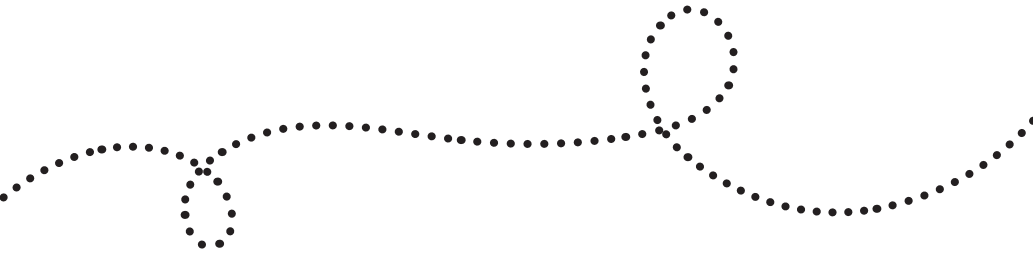
capítulo 26.
A renúncia **197**

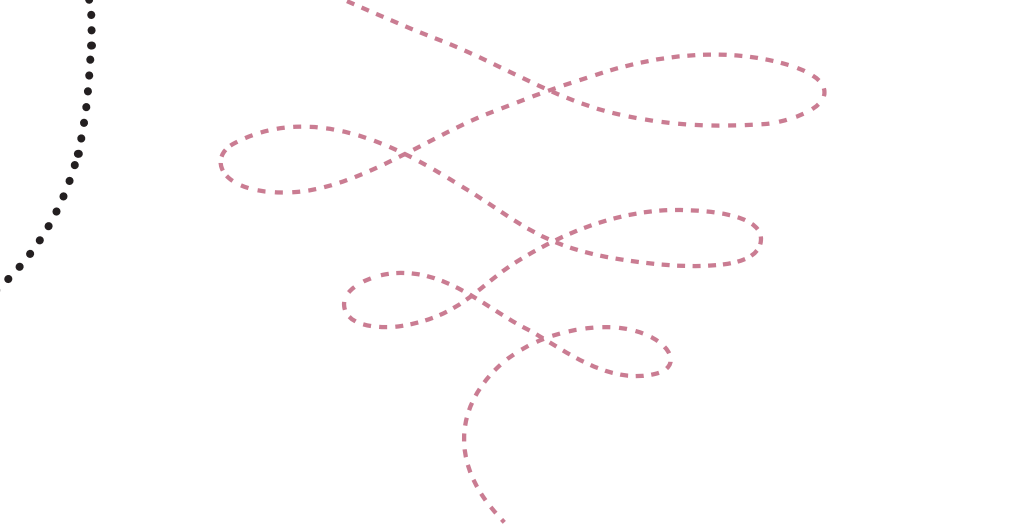
capítulo 27.
Os marcianos **200**

capítulo 28.
O multiverso e as cascas de nozes **203**

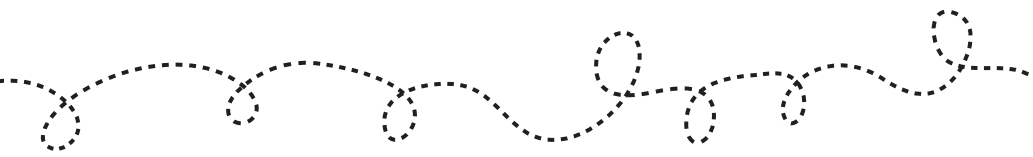
capítulo 29.
O futuro, presente do passado **206**

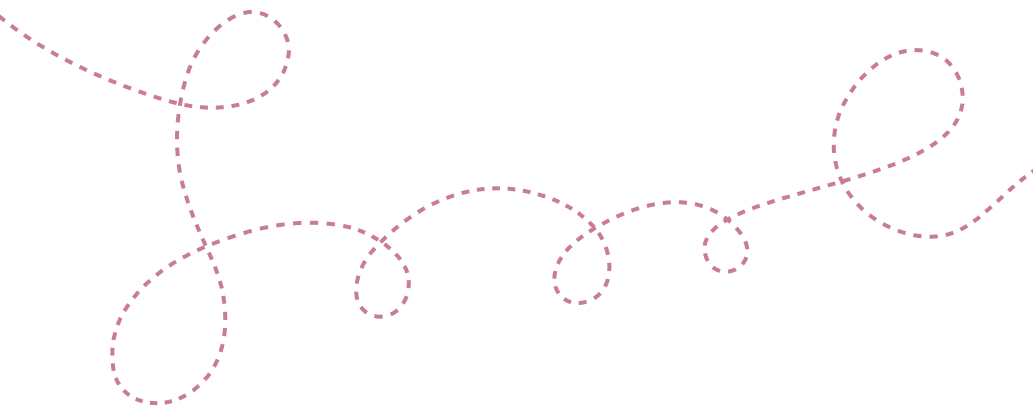
Saiba mais sobre Luiz Antonio Aguiar **208**





Parte I
A Colônia







1. O Manual

O PROFESSOR MAROLA SE SURPREENDEU com a pergunta. Não que fosse a primeira vez que a faziam numa turma.

“Mas já? Na primeira aula?”, estranhou, catando o nome do garoto na minitela virtual que pairava sobre um dos cantos de sua mesa com o nome e uma reprodução do rosto de cada estudante, em seu respectivo lugar, na sala de aulas presenciais. “Ousadinho esse... César!”

Afinal, ensinava História e havia perguntas que tinham tudo a ver. Embora não com as lições prescritas no currículo.

Mesmo assim, vez por outra, esbarrava com um desses adolescentes que não se conformavam em ficar na dúvida. Geralmente, acontecia apenas quando ganhavam confiança no professor — mas nunca na primeira aula.

— Professor! — insistiu o aluno.

— Sim, César. Você queria saber...

O garoto preferia que o chamassem de Zás. Era como seus amigos o conheciam. Mas seu nome era César. Era assim

que aparecia na lista de presença. Ao ser chamado pelo nome de registro, Zás quase desistiu de perguntar. Ou melhor, sabia que seria até melhor não fazer pergunta nenhuma, mas algo lá dentro dele, uma espécie de coceira ou de aflição, o forçou a ir em frente...

— Por que começamos a contar nosso tempo no ano um?

Os olhares da turma inteira se voltaram para Zás. Alguns colegas viraram-se para ele de supetão, como se tivessem levado um susto. Outros, de canto de olho, como se não quisessem ser percebidos.

O professor examinou Zás por alguns instantes. Pela média de idade da turma, devia ter uns quinze anos. “A garotada está se desenvolvendo cada vez mais depressa!”, pensou, enquanto decidia o que iria responder. E como.

Ficava satisfeito de continuar sendo indagado sobre o assunto, ano após ano. Sentia voltar a antiga motivação para dar aulas toda vez que um dos estudantes, com interrogações brilhando nos olhos, tomava coragem para levantar a mão e interrompê-lo.

No entanto, tinha de retornar ao tema programado para aquele dia.

O nome do professor era Marco Antônio, mas todos o chamavam de professor Marola. Ele até gostava, apesar de saber que a maior parte não tinha a menor ideia do que seria uma marola. Nem ele nem ninguém que ele conhecia poderia já ter visto o mar. Óbvio que não. Foram palavras que *permaneceram*, sabe-se lá por que, mas que pertenciam... ao outro mundo.

— É quando começa a nossa História, César... — respondeu, finalmente. Essa era a resposta recomendada pelo Manual. — Foi quando ocorreu o desastre da queda da astronave *Hipólita*, e os sobreviventes se tornaram os Pioneiros. Foi o início da Colônia.

— Mas... e daí?

Marola ficou calado, com os olhos fixos em Zás. Era também o que prescrevia o Manual. Responder somente o que fosse perguntado. Não estender as questões... O Manual recomendava que se esperasse para ver até onde iria o aluno e qual seria sua próxima dúvida. Se ainda houvesse alguma.

“Maldito Manual”, pensou Marola.

— Aconteceram várias coisas antes, não é? — arriscou Zás.

“Isso soou como uma provocação!”, admirou-se ainda mais Marola.

— Claro que sim — respondeu, sorrindo.

— Bem... no ano um, os sobreviventes foram os Pioneiros... o pessoal que fundou a Colônia... Todo mundo conhece essa história. Mas... *irra-treco!* Os pais deles já existiam desde... Quer dizer... *zuopt!*

— César! Olhe a linguagem dentro da sala de aula — re-preendeu Marola.

— Desculpe, professor. Mas... quer dizer... dez anos antes, por exemplo, como era a vida lá na...?

— Por que está perguntando isso, César? — interrompeu Marola, com voz serena, mas firme, preocupado em seguir as recomendações do Manual.

— Ora, eu só queria saber... — respondeu um pouco en-
gastado o garoto. — Por nada, juro!

— Nossa História no planeta se inicia no ano um! É daí
que começamos a estudá-la.

— Mas... — murmurou Zás, depois de alguma hesitação.
— E antes disso?

Apesar do desconforto, Marola não conseguia negar que
o olhar do aluno denunciava um interesse genuíno no assunto.
E apreciou isso nele.

A cena o lembrou de um episódio ocorrido anos antes.
Era seu primeiro ano como professor, sua primeira turma de
verdade — ao menos a primeira em que dava aulas sem um
supervisor na sala.

Por distração, tinha feito um comentário, nem lembrava
sobre o que fora, mas pronunciou a palavra “países”. Não have-
ria razão para aquilo, nada na matéria prescrita, talvez uma com-
paração qualquer... não lembrava. Devia ser algo tão irrelevante
que esquecera o contexto em que dissera a palavra. No entanto,
quando se deu conta, já tinha soltado o tal *países* e, no mesmo
instante, um dedo se ergueu, algo timidamente, na primeira fila.
Marola adivinhou, é claro, o que a aluna ia perguntar:

“O que são *países*, professor?”

Depois de um instante para se recobrar, ele murmurou:

“Países... é o plural de *país*... Mas isso é coisa que não
existe mais. É do passado!”. E, fazendo um sinal para a garota
abaixar o braço, que ela já havia levantado novamente, disse:
“Vamos prosseguir com a aula!”.

Mesmo assim, recebera uma advertência. “Não posso receber outra!”, pensou. “Mais uma advertência seria... ruim!”

— Professor! — teimou Zás, inconformado com o silêncio de Marola.

O professor mais uma vez voltou sua atenção ao garoto e apressou-se a dizer:

— Vocês vão estudar isso nos próximos anos. Não é matéria para agora.

Mais uma resposta que o professor Marola sabia que não era rigorosamente *verdadeira*. Os alunos terminariam o colégio com muitas perguntas não respondidas. Perguntas que ele mesmo se fazia até hoje.

“Sou professor de História ou não sou? Como vou dizer que o passado não importa?”, pensava ele.

Nem mesmo o comitê educacional do Colegiado dos Síndicos da Colônia* discordaria totalmente de um questionamento desses. O Manual recomendava que, no tempo determinado, os alunos lessem relatos dos Pioneiros sobre a luta coletiva para instalar a Colônia, a partir do ano um... E que o mais importante era enfatizar o *Recomeço*.

Mas com uma ressalva: “É desnecessário recuar demais. Quando se começa de novo, quando laços são *definitivamente* cortados com o passado, é como se o que aconteceu antes não

* Mais conhecido por sua sigla, CSC, ou simplesmente Colegiado, é o órgão eleito pelos colonos que cuida da administração e das “decisões superiores”. O comitê educacional é uma de suas subdivisões.

tivesse relação com o presente e, principalmente, com o futuro”. O destaque para o “definitivamente” estava no Manual. Marola gravara exatamente essa frase, que lhe soava... Bom, sabia que, se fosse se prender muito ao que a frase lhe soava, não conseguiria ensinar a matéria conforme recomendado.

Só que, ultimamente, pensava cada vez mais nisso.

Embora ainda acreditasse que a Chegada marcava um recomeço.

Uma nova chance.

Acreditava que a Colônia e sua prosperidade pacífica traziam benefícios para os colonos em sua nova vida — algo que se tornara impossível, para a imensa maioria, no Planeta Natal. Que o heroísmo, a coragem e a determinação dos Pioneiros haviam proporcionado tudo isso. Tão poucos tinham sobrevivido... Poderiam facilmente ter se desencorajado, sucumbido, e a Colônia, então, jamais teria sido criada.

“Sim, eu acredito nisso! Acredito!”, insistia consigo mesmo, olhando fixamente para o garoto. “Por outro lado...”

— É que... — Zás preparou-se para contestar.

— César, vamos voltar ao objetivo da aula de hoje, está bem? Tenho muita coisa para explicar sobre o que vamos ver este ano. Não precisamos voltar tanto no tempo para entender o que vivemos em nosso presente. Estudaremos por enquanto somente... o que tiver a ver com... a matéria... O presente. Estamos no ano 88, lembra? Episódios *muito* antigos têm importância apenas secundária, no momento. Assim, a aula fica mais interessante... Para vocês.

“... Segundo o Manual.”

Finalmente, Zás se encolheu e se calou. Até o final da aula, manteve um olhar ressentido para o professor, que, na saída, já tinha certeza de que César seria um *daqueles* garotos.

“Maldito Manual!”, exclamou para si mesmo.

Odiava ter de “nocautear” a curiosidade de seus alunos.

Apenas seguia o Manual. O método de praxe, recomendado nessas situações. Mas era dessa maneira que ele e alguns colegas mais próximos se referiam ao que acabara de fazer... “*Nocautear* a curiosidade dos alunos... Sim, às vezes, nocauteamos a curiosidade deles!”

Horas depois, a composição do transcol* que Marola tomava para seu complexo habitacional deslizava sem atrito, silenciosamente, rente à faixa de condução magnética que ia do Centro de Formação até a reserva residencial. Cada vagão era uma plataforma vedada, com tentáculos em arco que partiam da base e sustentavam as amplas janelas e o teto côncavos, feitos de alumínio transparente. A faixa magnética corria por dentro de um anel tubular, também transparente, que circundava a Colônia, situada num gigantesco planalto. O anel tinha a face externa coberta por fora por invisíveis filtros antirradiação.

A Colônia abrigava, em seu núcleo, as unidades técnicas, administrativas, educacionais e a sede do Colegiado. O transcol

.....

* Forma abreviada de “transporte coletivo”, um comboio de veículos articulados para trânsito regular de passageiros e cargas.

passava ainda pelos diversos complexos habitacionais e de produção, pelas estações de bombeamento e distribuição de água, pelas redomas de lazer e outras instalações necessárias ao dia a dia de seus habitantes. Entre o núcleo e os complexos, ficavam as áreas agrícolas cobertas. A cada estação, um vagão destacava-se da composição, levando os passageiros a seus respectivos destinos por um tubo auxiliar também protegido externamente por filtros antirradiação.

Nos carros, cada assento tinha seu capacete para visão virtual e um *menu* de cenários à disposição dos passageiros. Para quem dispensasse os capacetes, existia a alternativa, noanel tubular, de se voltar, para além dos limites da Colônia, para o horizonte aberto que se prolongava até se perder de vista. Era árido, inóspito e, principalmente, deserto. Quem não soubesse o que se escondia dezenas de metros abaixo da superfície — os lagos subterrâneos — jamais poderia conceber vida se desenvolvendo ali. O solo era de magma solidificado, coberto por fragmentos de rocha basáltica ejetados do miolo do planeta eras atrás. A paisagem era pontilhada de cones vulcânicos inativos. Predominavam tons de ferrugem, avermelhados, ocres, alaranjados e negros. Muito ao longe, distinguia-se o cume do Monte Olimpo, um vulcão também extinto, o mais alto do planeta, com vinte e dois quilômetros de altura — de fato, era o vulcão mais alto do que, no passado, se compreendia como o Sistema Solar. Era possível acessar, no *menu* dos capacetes, uma réplica mais amena da paisagem externa.

Em seu carro, Marola era o único que viajava sem o capacete. Mesmo assim, preferia evitar olhar para o horizonte.

Voltava-se para o alto. Já estava anoitecendo e era essa a sua hora favorita. Isso porque, mais destacado do que as duas luas do planeta, Fobos e Deimos, que não passavam de pontos na escuridão próxima, logo divisava um borrão grande, disforme e de luminosidade fosca. Era distorcido pelas *cortinas*, é verdade, mas, ainda assim, ali estava o astro mais brilhante daqueles céus. Um astro a uma distância sempre variável, mas que, naquela ocasião, estava a cerca de duzentos milhões de quilômetros. Tinha o dobro do tamanho do planeta e um dos mistérios que aquele brilho difuso escondia era que, depois do *Incidente*, interrompera o contato com os colonos.

Marola resmungou algo para si mesmo. Ultimamente, questionava-se se não seria mais um sintoma da tendência de tentar diminuir a importância dos episódios que haviam antecedido a formação da Colônia... Chamar apenas de *Incidente* um fenômeno que causara efeitos, até então, nem dimensionados nem compreendidos, os quais, pelo que sabiam, haviam alterado drasticamente a realidade física do Sistema Solar... E talvez de uma extensão ainda maior que essa região do Cosmos.

O fato é que, de maneira imprevista, trouxe como consequência a História que ele deveria ensinar.

“Nosso passado!”, pensou.

No entanto, lá estava o Planeta Natal, silencioso e inacessível. Marola não conseguia negar que, por vezes, sentia-se como se os de lá os tivessem esquecido. Ou abandonado.

Não era o único a se sentir dessa maneira. Tratava-se de algo raramente presente nas conversas, mas que, vez ou outra,

transparecia. Uma certa mágoa. Certa dor. Uma saudade que, depois de quatro gerações, não se apegava mais a nenhuma lembrança. Nem a nada. No entanto, havia esse sentimento, claro que havia.

Quando os colonos partiram do Planeta Natal, estavam programadas mais de vinte missões, que ocorreriam logo em seguida. Havia mesmo estimativas mais ousadas, que anunciavam que esse número cresceria além das expectativas logo que a primeira Colônia fosse instalada, multiplicando rapidamente a população do novo planeta.

Mas isso não aconteceu.

Poderiam, de fato, no Planeta Natal, ter desistido deles e resolvido deixá-los à própria sorte? Mas por quê? Ou, quem sabe, nada mais existisse naquele borrão de luz difusa tão longínquo? Nenhum resto de civilização, nenhuma vida... O Planeta Natal, já tão devastado, poderia ter sido arrasado de vez pelo Incidente? Ou talvez sua civilização tivesse regredido até um estágio pré-tecnológico?

E, ainda... Será que dali a alguns séculos, se continuassem a desdenhar o conhecimento do passado, ninguém mais acreditaria que tivessem vindo de outro planeta, daquela luz quase apagada nos céus? Será que a História de seus ancestrais se tornaria... uma lenda?

Assim, havia momentos em que Marola sentia o peso da culpa por ter nocauteado a curiosidade de um aluno. Mas do que adiantaria alimentá-la? Era uma história dolorosa, justamente pelo tanto que ignoravam do que ocorrera de fato. E que